

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p><b>PSICO</b></p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623   ISSN-L: 0103-5371</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39397">http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39397</a></p>	

SEÇÃO: ARTIGO

## Constituição da identidade social urbana de moradores de serviços residenciais terapêuticos

*Constitution of urban social identity by residents of therapeutic residential services*

*Constitución de la identidad social urbana de residentes de servicios residenciales terapéuticos*

**Bettieli Barboza da  
Silveira<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1935-3004](https://orcid.org/0000-0002-1935-3004)  
[bettieli.bs@gmail.com](mailto:bettieli.bs@gmail.com)

**Ariane Kuhnen<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9635-9306](https://orcid.org/0000-0001-9635-9306)  
[arianekuhnen@gmail.com](mailto:arianekuhnen@gmail.com)

**Recebido em:** 21 out. 2020.

**Aprovado em:** 25 maio 2021.

**Publicado em:** 14 nov. 2023.

**Resumo:** O conceito de Identidade Social Urbana busca compreender o modo como as pessoas se identificam, se apropriam e constroem afetos e memórias associadas aos lugares que percorrem. Esta pesquisa teve como objetivo investigar como se desenvolve a identidade social urbana dos moradores nos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) das cidades em que vivem. Quatorze participantes responderam à técnica de Autobiografia Ambiental, combinada a uma entrevista semiestruturada, analisadas à luz da Análise Temática. Os fatores culturais das cidades desempenharam um papel singular, mediando a aproximação dos participantes com o entorno urbano. Por fim, destaca-se a logística como escolha essencial à estruturação dos SRT, na medida que ela favorece ou retrai incursões autônomas dos moradores nas cidades.

**Palavras-chave:** psicologia ambiental, saúde mental, ambientes urbanos

**Abstract:** The concept of Urban Social Identity seeks to understand how people identify and appropriate, build affections and memories associated with the places they travel. This research aims to reflect on this process by using the symbolologies of the inclusion of residents of Therapeutic Residential Services in the cities they inhabit, in order to understand how they constitute their identifications. Fourteen participants answered the environmental autobiography technique combined with a semi-structured interview, analyzed in the light of thematic analysis. Cultural factors of the cities were unique, mediating the approximation of participants with the urban environment. Finally, logistics is highlighted as an essential choice for the structuring of the Service, as it favors or retracts autonomous incursions in cities.

**Keywords:** environmental psychology, mental health, urban environments

**Resumen:** El concepto de Identidad Social Urbana busca entender cómo las personas se identifican y se apropian, construyen afectos y recuerdos asociados con los lugares que viajan. Esta investigación tiene como objetivo reflexionar sobre este proceso mediante el uso de las simbologías de la inclusión de los residentes de los Servicios Residenciales Terapéuticos en las ciudades que habitan, con el fin de entender cómo constituyen sus identificaciones. Catorce participantes respondieron a la técnica de autobiografía ambiental combinada con una entrevista semiestruturada, analizada a la luz del análisis temático. Los factores culturales de las ciudades fueron únicos, mediando la aproximación de los participantes con el entorno urbano. Por último, la logística se destaca como una opción esencial para la estructuración del Servicio, ya que favorece o retrae incursiones autónomas en las ciudades.

**Palabras clave:** psicología ambiental, salud mental, ambientes urbanos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

Não queremos cidades sem os diferentes, mas sim os diferentes nas cidades. A utopia que queremos é a da comunidade humana onde a diversidade tem direitos de cidadania, mas não como identidades separadas. (Saraceno, 2011, p. 98)

Com o intuito de tecer interlocuções entre os espaços da cidade, suas identidades construídas e relações com a saúde mental, retratam-se esforços dedicados ao encontro entre Psicologia Ambiental e Saúde Mental. Por meio da investigação acerca do conceito de identidade social urbana, explora-se a relação de moradores de Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) com as cidades que habitam. A dedicação em buscar compreender a relação que as pessoas estabelecem com os lugares e a natureza social da identidade social urbana (ISU), tem recebido crescente atenção de pesquisadores interessados pela Psicologia Ambiental (Anton & Lawrence, 2016; Lewicka, 2011). Os significados suscitados pela imersão nas cidades e as características sociodemográficas influenciam a formação da identidade social urbana, permeados por um processo que inclui: identificação, apropriação, afetividade e memórias associadas aos lugares.

Embora haja registro de décadas de pesquisa focada em estratificar o modo como nos relacionamos com os ambientes, pouco foi aprofundado a respeito de como e por que nos identificamos com determinados lugares. Enquanto conceitos periféricos, mas de grande aplicabilidade ao tentar esmiuçar as nuances da ISU, sobrepõem-se pressupostos teóricos, como: apego ao lugar, identidade de lugar, senso de comunidade, apego à comunidade e outros. Para Bernardo e Palma-Oliveira (2016) é importante reconhecer a natureza social da identidade urbana de maneira explícita ou implícita. Isto é, compreende-se a ideia de que uma mesma pessoa pode estar ligada, ao mesmo tempo, a lugares específicos (exemplo, sua própria casa), assim como a lugares com compatibilidade físico-espacial e com representações e significados compartilhados, como as cidades.

As atividades individuais realizadas nas cidades que são permeadas por uma relevância afetiva, frequentemente envolvem outras pessoas no

ambiente do indivíduo, favorecendo o desenvolvimento de relações sociais relacionadas ao longo do tempo (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016; Lewicka, 2011). Os vínculos sociais e o enraizamento desenvolvidos em um local não pressupõe, necessariamente, um período mínimo. Referem-se, majoritariamente, ao modo como cada pessoa sente e identifica sua ligação com as pessoas e os elementos compartilhados na vida em sociedade, seja na casa, no bairro ou na cidade. Enquanto favorecedores de tais interações, Lewicka (2011) destaca a partilha de crenças, de memórias coletivas sobre eventos e experiências nos lugares, estilos de vida e valores.

Concebida como categorização social relacionada ao pertencimento a um entorno urbano, Valera e Pol (1994) compreendem o conceito de identidade social urbana a partir de seis dimensões, são elas: (a) territorial – correspondente aos limites geográficos; (b) psicossocial – modo como cada grupo se reconhece; (c) temporal – relacionada à história e às relações com o ambiente; (d) comportamentais – práticas sociais; (e) social – organização social e hierárquica, ainda que simbólica, do espaço; e (f) ideológica – forma de uso dos espaços, atravessados por valores e cultura. Nesse sentido, a ISU permite integrar características físicas e sociais do meio, seus recursos e elementos constituintes, posicionando a(s) pessoa(s) dentro do ambiente, possibilitando a geração de avaliações e atitudes em relação ao seu entorno (Pol, 1996).

Ao investigar a relação pessoa-ambiente, Rijnks e Strijker (2013) afirmam que as pessoas desenvolvem uma construção social com os lugares por meio de processos de autoidentificação, de modo a interiorizar sua pertença a um ambiente, passando a se comportar como membros de comunidade. Para Pol (1996) o habitar um território transcende a mera ocupação física e espacial. O autor ressalta que as pessoas carecem perceber o lugar como próprio para auxiliar na construção de sua personalidade. Desse modo, e em conformidade aos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA), parte-se da compreensão de que a interação com os espaços é um processo ativo de atribuição de sentidos (Ponte et al., 2009).

Atravessadas pelas diversas contradições dos modos de vida contemporâneos, as cidades também são subsidiárias da vida simbólica de seus habitantes (Jensen, 2013). A urbanização dos cenários defronta, cada vez mais, a circulação, os encontros e as relações nas ruas, nos bairros e nas cidades. Enquanto vetores privilegiados da produção de subjetividade, entende-se a cidade como lugar onde se habita, se produz sentidos e significados. Portanto, compreender tais ambientes de modo transcendente ao plano geográfico faz sentido e requer esforços, a fim de entender o modo como são construídas as relações entre seus moradores, sejam elas de modo inclusivo ou exclusivo.

A circulação da "loucura" nos espaços urbanos contrasta inúmeros acontecimentos históricos, perpetrados, particularmente, por sua exclusão da convivência social. Resgatar tal ponto é reivindicar sua existência, que em muitos contextos segue circunscrita a pequenos territórios (Franco & Stralen, 2015; Lima & Yasui, 2014). Ao considerar que pessoas em sofrimento psíquico foram retiradas de circulação social e confinadas em instituições manicomiais de caráter asilar, reiteram-se as políticas derivadas da luta antimanicomial e os avanços da Reforma Psiquiátrica brasileira. Mais do que mudar um contexto, reformulam-se práticas, reinventam-se espaços e reconstróem-se territórios "permitidos" à inclusão dos diferentes.

Ao dar voz às percepções e experiências que os moradores dos residenciais terapêuticos têm da casa, dos companheiros de moradia, do entorno e da cidade, objetivou-se verificar como se dá a constituição da identidade social urbana dos moradores junto ao contexto urbano que nos Serviços Residenciais Terapêuticos das cidades que habitam. Articulado de modo a refletir sobre a dialética de inclusão/exclusão dos espaços que a "loucura" possui na realidade investigada, espera-se colaborar social e cientificamente, fornecendo subsídios para aprimoramento de políticas públicas e possibilitando bases metodológicas e comparativas a futuros estudos relacionados.

## Método

### *Caracterização e participantes*

Estudo de caráter qualitativo, descritivo, exploratório e transversal, esta investigação envolveu quatorze moradores de três diferentes Serviços Residenciais Terapêuticos. O número de participantes se trata de uma amostra de saturação, pois foram incluídos todos os sujeitos disponíveis e aptos no momento de coleta de dados (Fontanella et al., 2008). Para tanto, foram observados os seguintes critérios de inclusão: (a) morar na respectiva residência terapêutica há, no mínimo, dois meses; (b) quadro estável da patologia nas três semanas que antecedem a coleta de dados; (c) reunir condições para se deslocar na residência e no entorno; e (d) assentir participação na pesquisa formalmente, através dos respectivos termos de autorização. Importante salientar que todos os procedimentos e verificações necessárias foram realizados em parceria com a equipe responsável pelo cuidado e tratamento de saúde dos residentes.

Dos participantes, dez eram homens e quatro mulheres, com idade entre 21 e 78 anos. Os SRT's investigados pertencem a três distintas cidades de um estado na região Sul do Brasil. Os detalhes dos participantes e das cidades foram mantidos em sigilo, e os municípios foram apenas identificados como: "pequeno", "médio" e "grande", em alusão às suas configurações sociodemográficas. A cidade "pequena" possui o Serviço há cerca de sete anos, se localiza no Planalto Norte do estado e acolhe oito moradores. A cidade "média" acolhia seis moradores no momento da coleta de dados, possui o residencial há três anos, aproximadamente e localiza-se na região serrana. Já a cidade "grande" está situada no Norte do estado, acolhe dez moradores e possui o SRT há cerca de quatro anos.

### *Técnicas e instrumentos*

A coleta de dados foi empreendida por meio da técnica de Autobiografia Ambiental somada a entrevistas semiestruturadas. Com destaque à sua versatilidade e aplicabilidade, a Autobio-

grafia Ambiental é percebida como ferramenta muito útil nos Estudos Pessoa-Ambiente (Elali & Pinheiro, 2008). Além disso, os referidos autores destacam a valoração científica da técnica quando associada a outros métodos, como a entrevista, permitindo aprofundamento e aumento da confiabilidade dos resultados obtidos.

Com tais escolhas metodológicas, destaca-se a articulação de diferentes estratégias de pesquisa, as quais buscam uma averiguação mais ampla das interações pessoa-ambiente (Günther et al., 2004; Rivlin, 2003). Enquanto técnicas aplicadas, a Autobiografia Ambiental associada às entrevistas permitiu compreender a experiência ambiental humana, considerando diferentes aspectos que permeiam a diáde pessoa-ambiente. Com foco nos percursos realizados pelos moradores, percepções sobre o modo de vida e as relações no SRT, as entrevistas permitiram, captar mais ênfase na descrição de lugares significativos para o depoente e os sentimentos a eles associados (Elali & Pinheiro, 2008).

### *Procedimentos*

A coleta de dados percorreu dois momentos e ocorreu em julho de 2019. No primeiro, após contato inicial e assentimento, a autobiografia foi narrada pelos participantes, levando em média 30 a 40 minutos. Na sequência, a entrevista seguiu o fluxo temático e, de modo semiestruturado, permitiu a complementação pelo roteiro proposto em busca dos objetivos deste estudo, o que levou 15 minutos, aproximadamente.

A Autobiografia Ambiental se configura como uma narrativa da história pessoal do participante, que anuncia ambiente(s) como (co)protagonistas de suas histórias de vida. A tais ambientes foram atribuídos sentidos, pelo próprio depoente, aproximando-o de recriações de tais memórias, recriando um cenário imagético dos ambientes anteriormente experienciados. Assim, individualmente e de acordo com as disponibilidades, os participantes receberam (uma por vez) as seguintes indagações: (a) pensando na tua história de vida, lugar que você nasceu, onde cresceu, lugares que você passou, me conte sobre tua trajetória de vida, destacando lugares que foram marcantes nesse percurso até

chegar ao lugar em que você vive hoje; (b) agora, me conte sobre as lembranças que você possui das casas em que você viveu e as memórias e percepções da casa que você vive hoje.

No intuito de narrar a experiência de um ser humano para com o meio, dedica-se atenção à pesquisa acerca dos laços afetivos e cognitivos que as pessoas estabelecem com os ambientes, amplia-se o olhar a fim de compreender as transformações de identidade a partir de vivências, atitudes e comportamentos incluídos em tais interações. Isto é, a experiência ambiental medeia a formação de vínculos entre pessoas e ambientes (Elali & Pinheiro, 2008). Na busca pela identificação de tais memórias e conexões, a Autobiografia Ambiental foi utilizada neste estudo enquanto técnica que propõe ênfase na descrição de lugares que marcaram o depoente, aliada às emoções associadas a tais momentos.

Identificar os fatores componentes de ordem afetiva e cognitiva é tarefa árdua, uma vez que há grande diversidade implicada na subjetividade relacionada à percepção ambiental. Para Rivlin (2003), ao associar entrevista à Autobiografia Ambiental se favorece o desvendar das qualidades das memórias evocadas na narrativa. Como se trata de uma técnica em que o próprio participante conduz a fala, minimiza-se fortemente a possível influência do(a) pesquisador(a), de maneira a possibilitar ao depoente o afloramento e o direcionamento conforme seu interesse. Embora este fato credita menor controle à investigação científica, nesta pesquisa em específico se comemora tal logro, na medida em que se evidencia a voz e a vez de pessoas que, por muitas vezes, foram silenciadas.

### *Análise dos dados*

De posse dos resultados obtidos pelas técnicas da Autobiografia Ambiental e das entrevistas, ambas gravadas e posteriormente transcritas, o material passou a ser analisado em consonância à Análise Temática (AT) (Braun & Clarke, 2006), com auxílio do *software* Atlas.ti, versão 8.0. Com tal perspectiva de análise, diálogos e contrastes puderem ser tecidos com subsídio da Psicologia Ambiental, enaltecendo a perspectiva multimetodológica característica dos Estudos Pessoa-Ambiente.

Caracterizada como uma proposta metodológica que requer postura reflexiva e ponderada do(a) pesquisador(a) com seus dados, pressupostos epistemológicos e com o processo analítico de modo geral, a AT sintetiza seu processo em seis fases de análise: (a) familiarização com os dados; (b) geração dos primeiros códigos; (c) busca por temas; (d) revisão dos temas; (e) definição e nomeação dos temas; e (f) produção do relatório (Braun & Clarke, 2006, 2019).

### Aspectos éticos

Cabe destacar que todos os aspectos éticos foram respeitados neste estudo, em conformidade com a legislação vigente, sobretudo, na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Esta pesquisa contou com a aprovação (parecer n. 2.903.250) do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para fins de preservação do sigilo, os participantes serão doravante identificados pela letra "P" acrescida de um número de 01 a 14 (exemplo: P1, P2).

### Resultados e discussão

Dentre os quatorze participantes deste estudo, seis eram residentes do SRT da cidade "grande", três da cidade "média" e cinco da "pequena". O material obtido após análise permitiu compilar e unificar os resultados, de modo que dois temas foram suscitados a fim de responder às indagações propostas, são eles: (a) vida no Serviço Residencial Terapêutico; (b) habitar a cidade. Os códigos emergidos desta proposição temática podem ser mais bem compreendidos a partir da visualização da Tabela 1.

**Tabela 1** – Análise temática: códigos e temas

VIDA NO SRT	representa lar
	memórias
	provisório
	escolhas
HABITAR A CIDADE	relacionamentos interpessoais
	vida nova
	interações
	pertencimento
	tentações urbanas

### Vida no Serviço Residencial Terapêutico

Este tema reúne elementos acerca do modo como os moradores se identificam, vinculam e relacionam com os respectivos residenciais terapêuticos e suas múltiplas funcionalidades. Assim, na arte de se reinventar em um novo modelo de moradia, sob novas regras, em conformidade a novas possibilidades e realidades, os moradores refletiram e expressaram seus olhares e percepções, os quais serão aqui explorados e contrastados teoricamente.

Ao habitar um novo espaço, até então desconhecido, carregando consigo bagagens guardadas com estima e outras indesejáveis, pode ser que os moradores se questionem e divaguem sobre seus futuros. A partir dos relatos, emergiram questões por parte dos moradores, acerca de: é aqui que agora vou morar? Por quanto tempo? O que posso e o que não posso fazer? Tenho liberdades? A vida será como em lugares anteriormente experienciados? Entendo aqui como meu novo lar? E quem são as pessoas que vivem aqui comigo?

A construção do "eu" em um novo ambiente transita por vivências pregressas, embora de frente a novas conexões na medida em que se permite a um novo relacionamento sociocultural com o lugar e o ambiente. Nesse paralelo, tem-se uma conotação autorreflexiva e autobiográfica com base em memórias de "contextos", denunciando e revivendo experiências da própria história (Lengen et al., 2019; Markowitsch & Staniloiu, 2011). Esta memória, por sua vez, contribui para o senso de si, para a contínua (re)construção da identidade, na medida em que se torna elemento-chave para recordar cenas, paisagens, experiências e lugares. Isto é, recriam-se Autobiografias Ambientais.

Nos discursos dos participantes foram observadas inúmeras reverberações sobre fatos e lugares vivenciados até a chegada no SRT. As memórias evocadas refletiam sentimentos dualísticos, na maioria das vezes. Enquanto alguns participantes enfatizavam transições de moradia e afetividades por cenários e pessoas, na intenção de contemplar um maior quantitativo

de experiências, outros alongavam as pausas e dedicavam tempo para compartilhar seus sofrimentos e cicatrizes (físicas e psíquicas), como P7, ao narrar sua Autobiografia Ambiental.

Eu fiquei vinte anos internado, mas é preso o certo, né? Não tinha liberdade. A gente pega mania né, infelizmente, hoje eu sou mais desconfiado, eu não era assim antes. Mas aí, quando falaram que eu ia voltar, eu tava louco pra sair e vir pra cá. Eu gosto muito daqui, eu sinto saudade, é minha cidade né? Quando eu soube que viria para uma casa... Ah! É diferente né?! (P7)

A fala do participante acima ilustra a dualidade recém mencionada e permite divagar nas palavras, na imensidão de sentidos e possibilidades permeadas na interpretação do todo. No entanto, ainda que a atualidade seja apresentada aos moradores de modo distinto, trata-se de um processo transitório e contínuo para evidenciar o residencial terapêutico como casa, compreender que ele representa lar. Enquanto P14 exclama com contundência que "aqui é minha casa, seja bem-vinda!", P4 recorda sua temporalidade "eu tô aqui hoje, mas talvez já tenha ido embora quando você voltar".

Sentir-se bem no ambiente em que se reside, visitar ou imaginar lugares favoritos no entorno pode melhorar o humor e a autoestima, as pessoas se atraem por eles. Por outro lado, uma interrupção ou perda de contato com lugares com significado pessoal pode ter impactos negativos significativos no bem-estar, evocando comportamento protetor e resistência à mudança (Gatersleben et al., 2020; Lohm & Davis, 2015). Na medida em que os participantes desbravavam seu novo lugar e suas possibilidades adjacentes, recriavam-se alternativas, vínculos e conexões futuras. Como facilitadores do processo, destacam-se as caminhadas e as conversas informais e cotidianas com a vizinhança.

Pesquisas sobre os lugares evocados em autorrelatos mostraram papel importante e simbólico ao bem-estar humano, auxiliando também na recuperação do estresse, autorregulação emocional e cognitiva (Ratcliffe & Korpela, 2018; Scannell & Gifford, 2017). Constatou-se que, em-

bora os participantes destacassem pontos positivos sobre o residencial, muitos salientaram a característica transitória da moradia, entendendo que aquela habitação era provisória em suas vidas, como todas haviam sido até então. Nesse sentido, embora seja compreensível a disposição de alguns moradores em retornar a um convívio familiar ou iniciar uma vida sozinho, pode-se notar maior inclinação dos participantes à caracterização volátil do SRT das cidades "grande" e "média", como pontuam P3 e P9: "aqui é bom, eu gosto de tudo aqui, mas eu queria mesmo morar em uma casinha sozinho né? Eu me acostumei a estar sozinho, gosto assim" (P3).

Quando vim morar aqui perguntei pela minha irmã, elas acharam ela, que pensava que eu estava morto. Aí fui visitar ela e a família, a gente se deu muito bem! Quero morar com ela, no sítio dela. Aqui é uma beleza, mas família é família né?! (P9)

Na cidade pequena, o discurso era outro, mais voltado em buscar meios para "manter a família reunida, ter mais coisas para fazer. A gente pediu ajuda para o Fulano (coordenador do SRT e do CAPS) para comprar uma casinha nossa, com animais para 'nós criar', horta para plantar (...)" (P14). Ao constituir identidade social urbana, nota-se o comportamento precedente de apropriação da residência e da cidade. Isto é, ao (re)construir tais processos e suas respectivas complexidades, requer uma autoidentificação desse ambiente vivo que interage de modo bidirecional com os moradores dos SRTs, considerando suas características sociais, culturais, educacionais e de personalidade (Belanche et al., 2017; Lalli, 1992).

Foi bom quando cheguei aqui e vi que era uma casa mesmo, ver que tem liberdade e que você pode ir na cidade, fazer coisas, escolher o que fazer. Claro, tem as regras da casa, mas eu acho 'mamata'. Quanto estamos com tempo livre eu sempre peço para caminhar, dar uma voltinha no parque, ir na biblioteca pública, ver a cidade! (P8).

Fazer escolhas, sentir-se protagonista. A fala de P8 se resume e se entrelaça com o significado de autonomia. Característica essencial aos moradores em seus respectivos processos

terapêuticos singulares direcionados a habitar a cidade. Outrossim, P2 destaca que tal imersão no cenário urbano permite recriações, assim como novos hábitos, recheados de uma sensação de independência: "ah aqui tem uma porção de lugares que agora eu gosto. Eu gosto de ir caminhando por aqui e ir no mercado (público), comprar roupa, ir no Magrão (lanchonete)... se você estiver com fome eu te levo lá!".

A percepção construída na relação dos moradores com a residência terapêutica e com a cidade transita por uma visão mais ampla de lar, alocando-a como fonte de significado, de pertencimento e de identidade, superando a noção de estrutura física e de cenário, urbano ou rural (Seamon, 2014). Apesar disso, quando a vinculação com o lugar não se desenvolve de modo assertivo, por indisposição das pessoas ou por dificuldades de adaptação, condições de ansiedade e de rejeição tendem a prejudicar o bem-estar físico e emocional (Roster et al., 2016). Desse modo, reitera-se a importância de atentar aos relacionamentos interpessoais nos residenciais.

Ao longo das autobiografias e das entrevistas foram notados discursos alinhados a afetos positivos, majoritariamente, e negativos sobre os demais moradores e corpo profissional. Verbalizações acerca da vinculação afetiva construída com profissionais, com destaque às sensações de cuidado e zelo foram as mais frequentes, como anunciou P5: "Eu não quero ir embora daqui, me sinto mais seguro aqui, gosto dos cuidadores, da Cicrana (enfermeira), tento me comportar bem, não quero decepcionar eles, sabe?". Nesse viés, observou-se que os bons relacionamentos também acompanhavam a relação entre os próprios moradores, como salientou P12: "eu quero todos muito bem. Eu gosto de morar aqui, e até convido elas (outras moradores), às vezes, para dar uma caminhadinha comigo, para se 'aprochegar', sabe? Mas só as vezes, por que eu prefiro ir sozinha (risos)".

### *Habitar a cidade*

Dedicado a reunir elementos inerentes ao modo como os moradores dos residenciais terapêuticos se relacionam e se identificam com

as cidades que habitam, este tema enaltece os principais aspectos de tais interrelações. Ao experimentar a cidade, abre-se a possibilidade de aliar-se à paisagem, às pessoas e aos lugares. Descobrir a cidade, sentir seus ritmos, assimétricos, inconstantes e pulsantes é vivenciá-la sem amarras, sem porém. Assim, corpos, experiências e cidades se conectam, reciprocamente.

O modo como os participantes se ligam às cidades que habitam possui inúmeras variantes pregressas, que se acrescem às contemporâneas, exigindo ressignificações. As possíveis interações que a vida nos SRT's possibilita aos moradores recriar opções que, até outrora, nem estavam em pauta. Ao ponderar as influências das características do cenário urbano à formação da identidade social urbana, Belanche et al. (2017) alertam para o impacto de fatores cognitivos, afetivos e avaliativos no comportamento das pessoas.

A imersão dos participantes nas cidades se torna um veículo afetivo que os conduz aos territórios a serem explorados, apreciados, vivenciados. O mais marcante, nesse ponto, é o quanto cada localização de residencial contribui para tais incursões urbanas. Observou-se que as interações são mediadas por dois fatores principais, são eles: a configuração sociofísica do entorno da residência e seu modo de ocupação, assim como as terapêuticas de inclusão social dos moradores em tais cenários. Um dos participantes resumiu sua experiência da seguinte maneira:

Eu vou no salão, ir no salão é bom, eu gosto. Eu gosto de comprar roupa, de ir no CAPS. Faço artesanato e teatro no CAPS. É bom lá. Fazemos coelho, gato costurado... nós fazemos corte e costura. Tudo que tá ali na parede nós que fizemos. Eu sou boa nisso! Eu gosto de ir passear sozinha ou com alguém, tanto faz, eu saio igual. (P13)

O impacto da urbanização transformou paisagens urbanas e rurais, alterando as sensações de conexão entre as pessoas e os ambientes de seu entorno. O estudo de Liu et al. (2020) reforçam tal perspectiva e destacam os benefícios de parques urbanos e demais contatos com a natureza para o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Assim como os fatores naturais, destacados por

Menatti et al. (2019) acerca da importância de variáveis pessoais e culturais no processo perceptivo de identificação e vinculação com os ambientes urbanos, em consideração às experiências anteriores, atravessadas por memórias, simbologias, familiaridades e afetividades.

Estudos ponderam que as pessoas nativas do local de moradia tendem a ter uma ligação mais forte com os ambientes e elementos locais (Cheng & Kuo, 2015; Ratcliffe & Korpela, 2016). No entanto, em consideração às peculiaridades dos participantes desta pesquisa, requer destacar que a transacionalidade de "residências", o longo tempo de internações, a distância social e física de familiares são fatores que prejudicam, potencialmente, tal vinculação. De modo comum e frequente, observou-se nas Autobiografias Ambientais dos participantes que diversas narrativas entoaram o atual contexto como uma nova vida.

As novas oportunidades e as escolhas que caminham com tais possibilidades são vivenciadas e expressas por sentimentos flutuantes entre medo, receio, temor ao desconhecido, contrastados com ansiedade, desejo, ânsia de viver. Para P10: "tudo agora na vida é uma coisa diferente, temos uma nova família, que é o pessoal aqui, gente boa demais. E, a gente tem que aprender do que gosta, o que quer fazer da vida e como". Nesse processo contínuo de ressignificação, aproximar-se de lugares com propriedade ou características simbolicamente significativas, culturais e afetivas, fomenta a (re)construção de identidade social urbana (Scannell & Gifford, 2017).

Observou-se tais aspectos, sobretudo, nas residências da cidade "pequena", ao atentar para os hábitos de vida interiorana de cada morador sendo reconhecido e associado aos praticados no cenário e nas relações deste SRT. Como, por exemplo, as rodas de chimarrão e o convite à vizinhança para integrá-la, e a reunião e a participação coletiva em movimentos comemorativos da cidade de modo apropriado.

A maneira como os participantes narraram suas experiências, os detalhes mais intensos e particulares compartilhados alertam para carências, necessidades e afiliações de grupos sociais

específicos, reflexivos àquilo que lhes é "mais conhecido, mais seguro" (P4). No intuito de se sentir parte, de ter pertencimento a algo ou alguém, de se apropriar, de demarcar suas produções ou propriedades, as pessoas se inclinam para suas zonas de "conforto" (Meloni et al., 2019). Embora nem sempre sejam boas escolhas e, por vezes, dificultem a aproximação entre os moradores, na coleta de dados se pôde notar, em distintos momentos, determinados padrões que explicam escolhas e ações, por exemplo: "eu passeio sozinho, vou visitar meu amigo Fulano, que também vai ao CAPS, a gente já se entende né? É parecido, tem as mesmas ideias, eu converso mais é com ele mesmo" (P11).

Eu sei que é errado, mas quando eu tô nervoso eu fujo e vou na rua X, onde tem gente que conheço 'das antiga', eles são metido com coisa ruim ainda, mas eu sei lidar com eles e a gente se protege. (P6)

A noção de pertencimento pode ser expressa de diferentes modos, representada por inúmeros exemplos e direções. Enquanto processo constituinte do que chamamos de "identidade social urbana", o sentimento de pertencimento ou apego a um ambiente significativo específico permeia um conjunto de características compartilhadas, de inclusão ou abstração (Valera & Guàrdia, 2002). Sobre tal, permite-se que os habitantes recriem suas relações com pessoas, objetos e lugares conforme se identificam. Enquanto características físicas do entorno que favorecem interações, pertencimento e engajamento social, Moulay et al. (2018) destacam: acessibilidade, proximidade, estética, possibilidade de acesso via caminhadas, espaços recreativos seguros e espaços abertos.

Reações de prazer ou desprazer expressadas pelos participantes sobre o modo como se relacionam com a cidade foram observadas na coleta de dados transversas por outro fator, igualmente importante, de destaque. Trata-se das tentações urbanas, enquanto elementos que, de maneira distinta e singular, retroalimentam a perspectiva de cuidado, de controle e de fiscalização (em alguns casos, especialmente percebidos na cidade "grande") para

com os participantes, a qual terapêuticamente se busca desconstruir. Por um lado, P6 destaca suas fugas "para juntar um dinheirinho, sentir o movimento, drogas... é um vício". Por outro, P2 esboça uma interessante perspectiva ao narrar aquilo que aprecia e teme na cidade: "eu gosto muito de passear, ir no centro. Mas tem que ser quando tem pouco trânsito, morro de medo de uma bicicleta me atropelar na calçada! Por isso passeio mais aqui na rua de casa, que não passa ninguém".

Temer a cidade e suas ofertas, sejam elas positivas ou não, também denuncia o distanciamento social, tecnológico e comunitário pelos quais os participantes deste estudo vivenciaram nos últimos anos em internação psiquiátrica asilar. Adaptar-se às contemporaneidades pode ser árdua tarefa, a ser constantemente trabalhada e eliciada em seus respectivos projetos terapêuticos singulares. Outro ponto de destaque acerca das tentações urbanas e, particularmente, presente na cidade "grande" se refere ao contraste das drogas. Em dois momentos de coleta de dados havia, ao menos um, morador que tinha evadido da residência terapêutica para o uso de drogas. Embora acompanhado pelo Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas (CAPSad) do município, a demanda de saúde de tais moradores extrapola as tratativas elencadas na Cartilha de SRTs, ainda que expresse uma problemática comum a ser trabalhada e mais bem desenvolvida em tais serviços.

A busca contínua pela consolidação e avanço da reforma psiquiátrica brasileira percorre distintos fatores, tais como: a ampliação da rede psicossocial, a transformação de paradigmas, a inclusão social na comunidade que residem, dentre outros aspectos que demarcam necessárias mudanças nas relações terapêuticas, presentes na dimensão técnico-assistencial (Amarante & Nunes, 2018; Massa & Moreira, 2019). Isto é, não basta aloca-los em residenciais terapêuticos no anseio de que as cidades os acolham, tem-se o desafio essencial de resgatar a condição de protagonismo em suas vidas, potencializar o conceito de autonomia e liberdade, além de ressignificar relações sociais.

## Considerações finais

Mediante os dados discutidos e visando responder ao objetivo deste estudo, aborda-se a temática acerca da inclusão social de moradores de residenciais terapêuticos nas cidades em observância aos seus processos de construção de identidade social urbana. A multiplicidade de fatores positivos e com vistas aos aspectos afetivos, comportamentais e cognitivos permeados na relação pessoa-ambiente possibilitaram condições para o enfrentamento às experiências estressoras, pregressas e atuais, resignificando-as paulatinamente. Isto é, destaca-se a importância das dimensões urbana, política e subjetiva de acesso para favorecer a experiência da cidade e a construção da identidade com o lugar onde se habita.

O conjunto de resultados obtidos permitiram considerar a complexidade dos modos de ocupação e apropriação dos ambientes urbanos. As cidades dos SRTs investigados oportunizaram análises particulares frente às possibilidades de inclusão social, sobretudo ao atentar para aspectos dualísticos como: tentações urbanas (destaque às drogas) e a representatividade de lar. As configurações socio-demográficas e culturais das cidades se mostraram fatores imperativos, na medida em que favorece ou retrai determinadas aproximações. Assim, faz-se maior destaque à escolha estratégica da localização dos residenciais como direção à políticas públicas, a fim de promover possibilidades mais autônomas e com menos riscos ao desbravar as cidades.

A presente pesquisa complementa e avança na produção de conhecimento científico ao evidenciar a gama de elementos que emergem da relação pessoa-ambiente na identificação dos participantes com as cidades que habitam. Esse enlace de corpos e lugares possui, ainda, o atravessamento dos residenciais terapêuticos como diferenciais à fluidez do processo, que intervém de modo a permitir aberturas, fomentar protagonismos, eliciar reconstruções de objetivos de vida e práticas de bem-estar.

No que se refere aos estudos da e na cidade, aponta-se a importância metodológica de imergir e vivenciar o local de pesquisa. Acredita-se que a inserção de uma das pesquisadoras na dinâmica urbana oportunizou aproximações ímpares, permitindo detalhado acompanhamento da pesquisa

de forma vivida, reflexiva e disponível aos diferentes (e ricos) discursos que atravessam a prática investigada. Do mesmo modo, a Autobiografia Ambiental pareceu favorecer aguçar memórias e afetos dos participantes, acalmou a ansiedade em responder à entrevista visto que o assunto inicial foi a própria história do depoente. Combinado a isso, a entrevista foi pontual em compilar lacunas e esmiuçar detalhes a fim de atingir os objetivos propostos neste estudo.

Ao atentar para a relevância social e aplicada desta pesquisa, tanto para os Estudos Pessoa-Ambiente quanto para a Saúde Mental, destaca-se a carência da literatura específica, particularmente, dedicada ao enlace das áreas. Em termos metodológicos, faz-se o recorte positivo das técnicas aplicadas, em especial, pela versatilidade, amplitude e acessibilidade na aplicação. Ademais, quanto às limitações, tem-se a delimitação temporal pelo corte transversal, assim como a distância do local de moradia da pesquisadora com as residências terapêuticas investigadas, o que resultou em impossibilidade de longínquo acompanhamento. Para estudos futuros, sugere-se a exploração acerca da disponibilidade e das práticas da comunidade do bairro, comerciantes e residentes do entorno em promover inclusão dos moradores de Serviços Residenciais Terapêuticos.

## Referências

- Amarante, P., & Nunes, M. de O. (2018). A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 2067–2074. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>
- Anton, C. E., & Lawrence, C. (2016). The relationship between place attachment, the theory of planned behaviour and residents' response to place change. *Journal of Environmental Psychology*, 47, 145–154. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.05.010>
- Belanche, D., Casalo, L. V., & Flavián, C. (2017). Understanding the cognitive, affective and evaluative components of social urban identity: Determinants, measurement, and practical consequences. *Journal of Environmental Psychology*, 50, 138–153. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.02.004>
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J.-M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239–251. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.01.010>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589–597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Cheng, C.-K., & Kuo, H.-Y. (2015). Bonding to a new place never visited: Exploring the relationship between landscape elements and place bonding. *Tourism Management*, 46, 546–560. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.08.006>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). Autobiografia ambiental: buscando afetos e cognições da experiência com ambientes. In J. Q. Pinheiro & H. Gunther (Eds.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 217–252). Casa do Psicólogo.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17–27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Franco, R. F., & Stralen, C. J. van. (2015). Desinstitucionalização Psiquiátrica: Do Confinamento Ao Habitar Na Cidade De Belo Horizonte. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 312–321. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p312>
- Gatersleben, B., Wyles, K. J., Myers, A., & Opitz, B. (2020). Why are places so special? Uncovering how our brain reacts to meaningful places. *Landscape and Urban Planning*, 197, 103758. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2020.103758>
- Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2004). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In *Série Textos de Psicologia Ambiental* (23. ed.). Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB.
- Jensen, A. (2013). Controlling mobility, performing borderwork: cycle mobility in Copenhagen and the multiplication of boundaries. *Journal of Transport Geography*, 30, 220–226. <https://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2013.02.009>
- Lalli, M. (1992). Urban-related identity: Theory, measurement, and empirical findings. *Journal of Environmental Psychology*, 12(4), 285–303. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80078-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80078-7)
- Lengen, C., Timm, C., & Kistemann, T. (2019). Place identity, autobiographical memory and life path trajectories: The development of a place-time-identity model. *Social Science and Medicine*, 227, 21–37. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.09.039>
- Lewicka, M. (2011). Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207–230. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>
- Lima, E. M. F. de A., & Yasui, S. (2014). Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde Em Debate*, 38(102), 593–606. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140055>

- Liu, Q., Wu, Y., Xiao, Y., Fu, W., Zhuo, Z., van den Bosch, C. C. K., Huang, Q., & Lan, S. (2020). More meaningful, more restorative? Linking local landscape characteristics and place attachment to restorative perceptions of urban park visitors. *Landscape and Urban Planning*, 197, 103763. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2020.103763>
- Lohm, D., & Davis, M. (2015). Between bushfire risk and love of environment: preparedness, precariousness and survival in the narratives of urban fringe dwellers in Australia. *Health, Risk & Society*, 17(5–6), 404–419. <https://doi.org/10.1080/13698575.2015.1109614>
- Markowitsch, H. J., & Staniloiu, A. (2011). Memory, auto-noetic consciousness, and the self. *Consciousness and Cognition*, 20(1), 16–39. <https://doi.org/10.1016/j.concog.2010.09.005>
- Massa, P. A., & Moreira, M. I. B. (2019). Vivências de cuidado em saúde de moradores de Serviços Residenciais Terapêuticos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, 1–14. <https://doi.org/10.1590/interface.170950>
- Meloni, A., Fornara, F., & Carrus, G. (2019). Predicting pro-environmental behaviors in the urban context: The direct or moderated effect of urban stress, city identity, and worldviews. *Cities*, 88, 83–90. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2019.01.001>
- Menatti, L., Subiza-Pérez, M., Villalpando-Flores, A., Vozmediano, L., & San Juan, C. (2019). Place attachment and identification as predictors of expected landscape restorativeness. *Journal of Environmental Psychology*, 63, 36–43. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.03.005>
- Moulay, A., Ujang, N., Maulan, S., & Ismail, S. (2018). Understanding the process of parks' attachment: Interrelation between place attachment, behavioural tendencies, and the use of public place. *City, Culture and Society*, 14, 28–36. <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2017.12.002>
- Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. In *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 45–62). Universitat de Barcelona.
- Ponte, A. Q., Bomfim, Z. Á. C., & Pascual, J. G. (2009). Considerações Teóricas Sobre Identidade De. *Psicologia Argumento*, 27(59), 345–354.
- Ratcliffe, E., & Korpela, K. M. (2016). Memory and place attachment as predictors of imagined restorative perceptions of favourite places. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 120–130. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.09.005>
- Ratcliffe, E., & Korpela, K. M. (2018). Time- and Self-Related Memories Predict Restorative Perceptions of Favorite Places Via Place Identity. *Environment and Behavior*, 50(6), 690–720. <https://doi.org/10.1177/0013916517712002>
- Rijnks, R. H., & Strijker, D. (2013). Spatial effects on the image and identity of a rural area. *Journal of Environmental Psychology*, 36, 103–111. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.07.008>
- Rivlin, L. G. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 215–220. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200003>
- Roster, C. A., Ferrari, J. R., & Peter Jurkat, M. (2016). The dark side of home: Assessing possession "clutter" on subjective well-being. *Journal of Environmental Psychology*, 46, 32–41. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.03.003>
- Saraceno, B. (2011). A cidadania como forma de tolerância. *Revista de Terapia Ocupacional Da Universidade de São Paulo*, 22(2), 93–101. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i2p93-101>
- Scannell, L., & Gifford, R. (2017). The experienced psychological benefits of place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 256–269. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.04.001>
- Seamon, D. (2014). Place attachment in phenomenology: The synergistic dynamism of place. In L. Manzo, & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (pp. 11–22). Routledge.
- Valera, S., & Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la psicología ambiental. *Anuario de Psicología*, 62(3), 5–24. [http://institutedeestudiosurbanos.info/dmdocuments/cendocieu/coleccion\\_digital/Cultura\\_Ciudadana/Concepto\\_Identidad\\_Social-Valera\\_Segi-1994.pdf%5Cnzotero://attachment/174](http://institutedeestudiosurbanos.info/dmdocuments/cendocieu/coleccion_digital/Cultura_Ciudadana/Concepto_Identidad_Social-Valera_Segi-1994.pdf%5Cnzotero://attachment/174)
- Valera, Sergi, & Guàrdia, J. (2002). Urban social identity and sustainability: Barcelona's Olympic Village. *Environment and Behavior*, 34(1), 54–66. <https://doi.org/10.1177/0013916502034001004>

---

### Bettieli Barboza da Silveira

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil; com pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil; mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Professora e Coordenadora do curso de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em Ituiutaba, MG, Brasil.

---

### Ariane Kuhnen

Doutora em Interdisciplinar e Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil; com pós-doutorado pela Université de Québec à Montréal (UQAM), em Québec, Canadá; pós-doutorado pela University of California (UCDAVIS), em Davis, Estados Unidos da América; mestra em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

---

**Endereço para correspondência**

Bettieli Barboza da Silveira

Rua Campolino Alves, 1021, apto. 112

Abraão, 88085-155

Florianópolis, SC, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK  
Revisões Acadêmicas e submetidos para validação  
do(s) autor(es) antes da publicação.*